

Israel Queiroz de Lima



Universidade Federal do Acre
israelufac@outlook.com

Alexandre Melo de Sousa



Universidade Federal do Acre
alexlinguista@gmail.com

Submetido em: 30/01/2023
Aceito em: 27/06/2023
Publicado em: 27/09/2023

 [10.28998/2175-6600.2023v15n37pe14949](https://doi.org/10.28998/2175-6600.2023v15n37pe14949)



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional

FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE ESCRITA DE SINAIS: LÍNGUA, CULTURA SURDA E INCLUSÃO

RESUMO

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é produzida pelas mãos e compreendida pela visão. Trata-se de um elemento linguístico e cultural da pessoa surda. Durante muito tempo acreditou-se que as línguas de sinais eram ágrafas, porém, desde 1972, as línguas de sinais passaram a ter um registro gráfico que documenta a história do povo surdo, descobertas, narrativas e produções científicas. Este artigo objetiva descrever a formação de professores de Escrita de Sinais na Região Norte do Brasil, que atuam nas Licenciaturas em Letras Libras. A abordagem adotada foi a qualitativa, de natureza básica, cujos objetivos são delineados a partir da visão explicativa, numa perspectiva crítica dos dados, com base no referencial teórico. O procedimento se pautou na análise de campo, de entrevistas semiestruturadas realizadas com 6 participantes: 3 surdos e 3 não-surdos. As análises mostraram que as formações se dão de forma muito variável e com carga-horária diversificada. Há ainda pouca atenção à questão do letramento e da importância da Escrita de Sinais para a valorização da cultura surda. Concluímos, desse modo, que a disciplina Escrita de Sinais é muito importante como componente de formação de professores de Libras e para a educação de surdos, seja como sistema de registro linguístico, seja como marca de cultura e da identidade surda. Trata-se, como a maioria dos participantes da pesquisa ressaltaram, de um elemento de língua, de cultura e de inclusão da pessoa surda que reflete seu modo de ver o mundo, levando em conta suas características peculiares de visualidade.

Palavras-chave: Formação de professores. Escrita de Sinais. Letras-Libras.

TRAINING OF SIGN-WRITING TEACHERS: LANGUAGE, DEAF CULTURE AND INCLUSION

Brazilian Sign Language (Libras) is produced by the hands, and understood by sight. It is a linguistic and cultural element of the deaf person. For a long time, it was believed that sign languages were unwritten. However, since 1972, sign languages began to have a graphic record that documents the history of deaf people, their discoveries, narratives, and scientific productions. This paper aims to describe the training of Sign Writing teachers in the North of Brazil, who work in the teaching of Libras. The adopted approach was qualitative, with a basic nature, which objectives are outlined from the explanatory vision, in a critical perspective of the data, based on the theoretical framework. The procedure was based on field analysis of semi-structured interviews with 6 participants: 3 deaf and 3 non-deaf. The analyzes showed that training takes place in a very variable way: workloads dedicated to different disciplines, as well as being mandatory. There is still little attention to the issue of literacy and the importance of Sign Writing for the appreciation of deaf culture. We conclude, therefore, that Writing of Signs is very important as a component of the formation of Libras teachers and for the education of deaf people in general, either as a system of linguistic registration, or as a mark of culture and deaf identity. It is an element of language, culture and inclusion of deaf people that reflects their way of seeing the world, highlighting visuality.

Keywords: Teacher Training. Signwriting. Letras-Libras.

FORMACIÓN DE PROFESORES DE ESCRITURA DE SIGNOS: LENGUA, CULTURA SORDA E INCLUSIÓN

RESUMEN

La Lengua de Señas Brasileña (Libras) es producida por las manos y comprendida por la vista. Es un elemento lingüístico y cultural de la persona sorda. Durante mucho tiempo se creyó que las lenguas de señas no estaban escritas, sin embargo, a partir de 1972 las lenguas de señas comenzaron a tener un registro gráfico que documenta la historia de las personas sordas, los descubrimientos, las narrativas y las producciones científicas. Este artículo tiene como objetivo describir la formación de profesores de Escritura de Signos en el Norte de Brasil, que actúan en las Licenciaturas en Libras. El enfoque adoptado fue cualitativo, de carácter básico, cuyos objetivos se esbozan desde la visión explicativa, en una perspectiva crítica de los datos, a partir del marco teórico. El procedimiento se basó en el análisis de campo de entrevistas semiestructuradas con 6 participantes: 3 sordos y 3 no sordos. Los análisis mostraron que la formación se produce de forma muy variable y con una carga de trabajo diversificada. Todavía hay poca atención al tema de la alfabetización y la importancia de la Escritura de Signos para la apreciación de la cultura sorda. Concluimos, por tanto, que la disciplina Escritura de Signos es muy importante como componente formativo de los profesores de Libras y para la educación de los sordos, ya sea como sistema de registro lingüístico o como marca de cultura e identidad sorda. Es, como destacaron la mayoría de los participantes de la investigación, un elemento del lenguaje, la cultura y la inclusión de la persona sorda que refleja su forma de ver el mundo, teniendo en cuenta sus peculiares características visuales.

Palabras Clave: Formación de profesores. Escritura de signos. Letras-Libras.

1 INTRODUÇÃO

Segundo Campelo (2008), os sujeitos surdos se constituem subjetivamente a partir de uma cultura visual: língua, signos visuais, percepção de imagens. Para Azevedo *et al* (2018), para que a acessibilidade do surdo seja, de fato, uma realidade, é preciso que, no exercício de sua cidadania, ele consiga se integrar e se reconhecer linguisticamente nos espaços e nas diversas situações sociais. Entendemos que isso se dá, num primeiro momento, na família e, posteriormente, na escola – no contato com professores e pares surdos. Contudo, na maioria dos casos, acontece primeiro no espaço escolar. Somado a isso, incluindo componentes curriculares que identificam o surdo dentro de sua cultura e de suas características – como é o caso da Escrita de Sinais (*SignWriting*) – nos espaços de formação: nas escolas e nas instituições de formação superior.

Sousa *et al* (2019), em investigação sobre a disciplina de Escrita de Sinais em cursos de Letras Libras no território nacional, destacam o fato de o registro gráfico das línguas sinalizadas constituírem fator decisivo no processo de aquisição metalinguística e, principalmente, de pertencimento cultural e social da pessoa surda. Desse modo, concordamos que o conhecimento dos sistemas de escrita de línguas sinalizadas deve fazer parte do rol de componentes que constituem a formação de professores que trabalham com alunos surdos.

Falar sobre a formação de professores de Escrita de Sinais (*SignWriting*) requer pensar em uma formação comum a todos os docentes do Brasil que ministram a disciplina da escrita da Libras, a intitulada Escrita de Sinais. Devido à experiência do primeiro autor como professor dessa disciplina na Universidade Federal do Acre (UFAC), especificamente, no curso de Licenciatura em Letras Libras, resolvi entrevistar os professores que ministram a Escrita de Sinais em Instituições de Ensino Superior (IES) na Região Norte do Brasil, já que seria uma tarefa muito grande fazer isso em nível nacional. Os participantes selecionados foram cinco, sendo três professores do gênero masculino (dois surdos e um não-surdo) e duas professoras (uma surda e uma não-surda).

Este artigo apresenta um recorte de uma pesquisa desenvolvida pela Ufac, com foco na educação, na área da na educação/formação de professores de Escrita de Sinais que reflete e sugere caminhos para uma formação padronizada e adequada para professores de IES no país. Tal pesquisa é inovadora e se faz necessário haver discussões com a comunidade surda, com os professores que ministram a Escrita de Sinais nos cursos de Letras Libras, com os representantes do Núcleo Docente

Estruturante (NDE), com os professores surdos e não-surdos, com o intuito de uma transformação social.

2 FORMAÇÃO DE PROFESSORES: A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE ESCRITA DE SINAIS

Nesta seção, foi feito um percurso sobre a formação do professor para compreender o percurso da formação dos instrutores e dos professores de Libras, além de compreendermos um pouco mais sobre a constituição do professor de Escrita de Sinais. Com isso, almejamos entender o lugar e o processo de formação de professores no Brasil.

A construção do “ser professor” não é um tema recente. Essa temática vem sendo discutida, tentando ser compreendida por uma perspectiva histórica, ou seja, a cada período a formação de professores vem se construindo de forma diferente. Podemos apontar dois pontos principais que vem sendo discutido. O processo de expansão e escolarização básica no país acontecia de forma lenta e somente durante as décadas de 1970 e 1980, o sistema público de ensino passou a ter mais visibilidade e expansão. Apesar desse processo acontecer de forma positiva, não há como negar que inicialmente a educação era elitizada e dominada por uma boa parte da classe privilegiada do país. Outro ponto de debate tem sido em reação à formação educacional dos professores que, de modo geral, não tinham foco na política inclusiva, muito menos na formação específica para quem fosse atender a alunos com características específicas.

A falta de uma política inclusiva e de formação específica para professores ocorria principalmente devido à separação entre professores e alunos: os professores atuavam na rede pública, enquanto que os alunos com características específicas se agrupavam em escolas especializadas (MARTINS, 2009).

Azzi (2000) aponta para uma reflexão sobre o lugar de atuação docente e do fazer pedagógico, que devem ser comuns a todos, sem distinção de nível ou esfera educacional. Com base nisso, podemos entender que a formação docente e a organização do seu trabalho sofrem mudanças paralelas no que diz respeito à política, ao aspecto social e econômico. Entre os pesquisadores que tratam da formação de professores estão Canário (1998), García (1999), Nóvoa (2007), Saviani (2009) e

Imbernón (2010). Eis algumas de suas considerações acerca da formação de professores com foco na melhoria do ensino, a seguir. Para García (1999),

A Formação de Professores é a área de conhecimentos, investigação e de propostas teóricas e práticas que, no âmbito da Didática e da Organização Escolar, estuda os processos através dos quais os professores – em formação ou em exercício – se implicam individualmente ou em equipe, em experiências de aprendizagem através das quais adquirem ou melhoram os seus conhecimentos, competências e disposições, e que lhes permite intervir profissionalmente no desenvolvimento do seu ensino, do currículo e da escola, com objetivo de melhorar a qualidade da educação que os alunos recebem. (GARCÍA, 1999, p. 26)

De acordo com Canário (1998), a formação de professores corresponde

[...] de fato [...] a um acréscimo de qualificações certificadas pelas instituições formadoras, sem que elas se traduzam por novos modos de pensar, de agir, de interagir, por parte dos profissionais, em contexto de trabalho. Ora, precisamente, o que está em causa é a produção de mudanças no modo de funcionamento interno dos estabelecimentos de ensino, bem como na natureza e diversidade das suas interações com o meio social envolvente. (CANÁRIO, 1998, p. 18-19)

Conforme Nóvoa (2017), é imprescindível construir modelos que valorizem a preparação, a entrada e o desenvolvimento profissional docente: “Trata-se, no fundo, de responder a uma pergunta aparentemente simples: como é que uma pessoa aprende a ser, a sentir, a agir, a conhecer e a intervir como professor?” (p. 12). Já para Saviani (2009), o dilema será superado “[...] recuperando a ligação entre os dois aspectos que caracterizam o ato docente, ou seja, evidenciando os processos didático-pedagógicos pelos quais os conteúdos se tornam assimiláveis pelos alunos no trabalho de ensino-aprendizagem.” (p. 152). Nas palavras de Imbernón (2006),

A formação do professor deve estar ligada a tarefas de desenvolvimento curricular, planeamento, de programas e, em geral, melhoria da instituição educativa, e nelas implicar-se tratando de resolver situações problemáticas gerais ou específicas relacionadas ao ensino em seu contexto. (IMBERNÓN, 2006, p. 17)

Vale destacar que as tarefas, situações e melhorias nas citações acima são gerais, porém, quando se trata da educação de surdos, as especificidades do público surdo devem ser respeitadas e consideradas para que eles tenham acesso a uma educação de qualidade. Deve haver respeito à cultura e identidade surda, à Língua de Sinais, a Língua Portuguesa (LP) na modalidade escrita, e à didática-pedagógica específica (visual). A partir da inclusão desses itens que a educação de surdos passará a ser respeitada e compreendida durante o processo educacional, cujas especificidades visuais do povo surdo devem ser atendidas nas escolas públicas de ensino.

Entre as legislações, há duas que merecem destaque, por terem contribuído para o ensino de Libras e para a inclusão da disciplina de Libras, com foco na formação de professores surdos e não-surdos. A seguir, o Quadro 1 apresenta leis diretas e indiretas que culminaram na formação de professores específicos para atuarem na Educação Básica e no Ensino Superior.

Quadro 1 – Documentos que direcionam o Caderno Introdutório Curricular de Educação Bilíngue de Surdos

Documento legal	Ano de publicação
Constituição Federal	1988
Portaria nº 1793	1994
Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394	1996
Resolução CEB nº 2	1999
Resolução CNE/CEB nº 2	2001
Plano Nacional de Educação (PNE) nº 13.005	2014
Lei nº 13.005	2014
Lei Brasileira de Inclusão (LBI)	2015
Base Nacional Comum Curricular (BNCC)	2018
Caderno Introdutório Curricular de Educação Bilíngue de Surdos	2021

Fonte: Elaborado pelo autor.

A comunidade surda brasileira buscou reconhecimento do *status* linguístico de sua língua visual, e tal reconhecimento fez com que a Língua Brasileira de Sinais, nos anos 2000, rompesse com a oralidade. A partir dessa emancipação linguística, entende-se que tanto a Libras quanto a LP (falada e escrita) possuem gramáticas próprias. Após muitas lutas, o povo surdo teve uma conquista significativa com o reconhecimento da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Libras, considerando-a como meio de comunicação e expressão, além de apontar para a necessidade de incluí-la como disciplina nos cursos de formação de professores, como se pode observar no trecho do art. 4, a seguir::

O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN, conforme legislação vigente. (BRASIL, 2002, art. 4)

A Lei 10.436/2002, conhecida como “Lei de Libras”, nos traz a importância dos sistemas educacionais em todas as esferas que possam garantir a inclusão da Libras como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Isso implica na

necessidade de ter professores de Libras qualificados e com formação específica para atender à demanda da Educação Básica e da Educação Superior.

Outro marco legal significativo foi a implantação e a implementação do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que trata das diretrizes para as pessoas surdas. Cabe aqui, enfatizar o Capítulo II, que trata da inclusão de Libras como disciplina curricular, como podemos observar, a seguir:

A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. (BRASIL, 2005, art. 3)

Tanto a Lei nº 10.436/2002, quanto o Decreto nº 5.626/05 impulsionaram o ensino de Libras e a inclusão da disciplina de Libras em cursos de licenciaturas e bacharelados nas universidades do país. Contudo, o ensino de Libras e a disciplina de Libras no Nível Superior nem sempre tem um caráter que engloba o conhecimento da cultura surda e de sua identidade, e o ensino de Libras, para que os discentes possam estabelecer comunicação entre surdos e não-surdos, de conhecer a história dos surdos, etc. Sousa *et al* (2019) ressaltaram que, em alguns casos, as disciplinas de Libras estão mais preocupadas com os aspectos estruturais (em detrimento dos interacionais) e dão pouca atenção aos aspectos ligados à cultura do sujeito surdo e seu papel na sociedade.

Com base nessas legislações os surdos almejavam um curso que contemplassem o ensino por meio de sua língua materna, em que os egressos surdos e não-surdos possam ensinar a Libras, seus aspectos culturais, identitários e históricos. Para isso, se faz necessário a formação de professores em curso de licenciatura adequado para suprir a demanda da Educação Básica e do Ensino Superior.

O curso de Letras Libras, na modalidade de Ensino a Distância (EaD) surgiu para atender a uma demanda legal, além de incluir surdos na Educação Superior (Decreto nº 5.626/2005, Lei de Libras nº 10.436/2002, e Decreto de Acessibilidade nº 5.296/2004). Tal curso forma os seguintes profissionais: Tradutores e Intérpretes de Libras/Português e Professores de Libras. Nosso foco é na formação de professores de Libras.

Estes cursos foram oferecidos pela Universidade Federal de Santa Catarina, na modalidade a distância, como projeto especial com aporte financeiros da Secretaria de Educação a Distância (SEAD) e Secretaria de Educação Especial (SEESP) do MEC em 2006 e da CAPES, a partir de 2009. Nessa modalidade, a titulação da primeira turma da UFSC foi em 2010 e da segunda turma em 2012, com alunos espalhados em 16 estados brasileiros. O curso formou um total de 389 alunos licenciados em 2010, 312 bacharéis e 378 licenciados em 2012. (UFSC, 2014, p. 10)

O curso de Letras Libras da UFSC conduziu a trajetória da formação acadêmica das pessoas surdas perpassando pela graduação até a pós-graduação, tornando-se referência no Brasil e, por isso, algumas instituições federais e institutos passaram a garantir o curso de Letras Libras na modalidade EaD. De acordo com Lima (2022), na UFAC, o curso de licenciatura em Letras Libras surgiu em 2013, porém, as atividades acadêmicas tiveram início em 2014, com sua primeira turma com alunos surdos e não-surdos. Lima (2022) apresenta os documentos legais que contribuíram com a criação do curso de Letras Libras, na cidade de Rio Branco, Acre, os quais conduziram à formação de professores para atenderem a Educação Básica, além de iniciarem sua carreira no Magistério.

As duas principais legislações que contemplam as especificidades para a criação do curso de Letras Libras com foco na formação de professores foram: o Decreto nº 7.612/2011 e o Decreto 5.626/05 (decorrente deste último, criou-se o *Programa Viver sem Limites*), que prevê curso de licenciatura em Letras Libras. Além da construção prevista de prédios e aquisição de equipamentos, essas leis indicaram vagas para a contratação de professores que seriam os responsáveis pela formação inicial de professores de Libras para atender à Educação Básica. (LIMA, 2022).

Neste sentido, ao reconhecer o ensino de Libras e a inclusão de Libras como disciplina, espera-se também que a partir do curso em Letras Libras, a disciplina de Escrita de Sinais seja apreendida e difundida tanto nos espaços escolares quanto fora dele. Na grade curricular do curso em Letras Libras da UFAC, a Escrita de Sinais é uma disciplina obrigatória, que visa ao ensino da escrita da Libras.

Antes de abordar sobre a Escrita de Sinais, cabe aqui demonstrar os tipos de Escritas de Sinais utilizados no Brasil, a saber: *SignWriting* – sistema internacional do registro escrito para as Línguas de Sinais de qualquer parte do mundo; Escrita da Língua de Sinais (ELiS), que é linear e sequencial, da esquerda para a direita; VisuoGrafia; e Sistema de Escrita para a Língua de Sinais (SEL) – sistemas de registro gráfico por meio de letras e diacríticos da esquerda para a direita, na ordem linear como a ordem da LP (LIMA, 2022, p. 30).

Conforme Lima (2022, p. 53), a inclusão da Escrita de Sinais como componente curricular, específico do curso em Letras Libras, fará com que os egressos ministrem tanto a Libras quanto a Escrita de Sinais concomitantemente, e que os alunos da Educação Básica possam refletir sobre sua própria escrita de sinais.

É importante entender que a Escrita de Sinais é uma disciplina do curso em Letras Libras que promove a identidade do “Ser Professor”. Essa disciplina, para muitas pessoas, ainda é desconhecida. Alguns a conhecem devido ao curso de Letras Libras ou por meio de escolas bilíngues para surdos. A ideia seria que tanto o ensino de Libras fosse concomitante ao ensino da Escrita de Sinais no curso em Letras Libras, como podemos ver em Lima (2022):

[...] As formações de professores, na maioria dos Estados, acontecem ainda por meio do curso de Letras-Libras, que foi implantado e implementado na UFSC, inicialmente na modalidade de EaD e, posteriormente por meio de polos presenciais. O ideal é que tal componente ES se estenda à formação de professores em Pedagogia ou curso normal e que o ensino de escrita da Libras seja ofertado desde os anos iniciais, para que as crianças e jovens surdos possam compreender a relação entre língua sinalizada, registro escrito da Libras e da LP na modalidade escrita. (LIMA, 2022, p. 54)

De acordo com Sousa et al (2019), ao estabelecer o contato com as metodologias adequadas para o ensino da Escrita de Sinais, o professor levará em consideração a perspectiva humana do aluno surdo, pois é a partir da cultura visual que os fatos serão registrados (grafados). Assim, amplia-se a visão do fato linguístico à medida que o fator cultural se expande e a constituição identitária do sujeito surdo dimensiona sua atuação frente aos seus pares, em contextos sociais diversos, e na atuação como cidadão – objetivo principal do ensino, da escola.

Em Lima *et al* (2019) é possível visualizar inúmeros exemplos de conteúdos preparados e aplicados com alunos surdos em que se exploram a Escrita de Sinais, em sua dimensão linguística e cultural. As propostas foram aplicadas em curso de formação de professores (Licenciatura em Letras Libras) na Universidade Federal do Acre. De acordo com os pesquisadores:

O ensino do sistema escrito da língua de sinais é extremamente importante para os estudos linguísticos, pois dá possibilidades de conhecer as regras usadas e convencionadas pela comunidade surda do Brasil, de conhecer um sistema funcionalmente significativo, de observar o nível de fluência a partir desse sistema adotado pela comunidade linguística e de compreender a representação sistemática sobre a estrutura fonológica, morfológica, sintática, semântica e pragmática.

Outro ponto relevante ao se aprender uma língua é a possibilidade de conhecer os aspectos culturais do povo surdo, suas especificidades, suas tradições, seus valores, suas crenças e como essas questões implicam, de forma significativa, no modo de interagir do povo surdo (LIMA et al, 2019, p. 305).

Defendemos, com base no que foi exposto até aqui, que a Escrita de Sinais ultrapasse os muros das escolas, os portões das universidades e das escolas bilíngues para surdos, com o intuito de ser utilizada em espaços informais também. A seguir, serão

apresentados os caminhos da metodologia utilizada, desde sua caracterização geral, a seleção dos participantes e os procedimentos de análise.

3 METODOLOGIA

De acordo com Gil (2008, p. 26), a pesquisa é um “[...] processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos.” A abordagem da pesquisa se dá por meio de pesquisa qualitativa, pois se preocupa com o aprofundamento da compreensão social, sem se prender a um modelo único de pesquisa. O objetivo da pesquisa é de natureza de uma pesquisa básica, pois objetiva a generalização a novas construções de teorias e leis, tendo em vista que respondeu a aspectos poucos observados promovendo o debate de novos conhecimentos (GIL, 2008).

Quanto à natureza dos objetivos, esta pesquisa é descritiva, porque parte do conhecimento e das experiências subjetivas dos entrevistados, que atuam com o ensino de Escrita de Sinais. Tal pesquisa partiu de um estudo minucioso, com um quantitativo de participantes com olhares distintos, em locais distintos, mas que se unem por um objeto, a Escrita de Sinais (GIL, 2008). Quanto aos procedimentos de análise, desenvolvemos uma análise crítica com o auxílio dos autores renomados e com a base legal (BRASIL, 2002; 2004; 2005; 2011; 2015). Buscamos, analisar as falas dos entrevistados, interpretar os conteúdos a partir dos documentos que compõem a fundamentação teórica.

Quanto à população e amostra, foram selecionados cinco professores que atuam no curso de Letras Libras, que ministram o componente curricular Escrita de Sinais em instituições distintas da Região Norte do Brasil. Como se pode observar, as definições entre população e amostra são as seguintes, de acordo com Gil (2008):

Universo ou população. E um conjunto definido de elementos que possuem determinadas características. Comumente fala-se de população como referência ao total de habitantes de determinado lugar. [...]

Amostra. Subconjunto do universo ou da população, por meio do qual se estabelecem ou se estimam as características desse universo ou população. Uma amostra pode ser constituída, por exemplo, por cem empregados de uma população de 4.000 que trabalham em uma fábrica. Outro exemplo de amostra pode ser dado por determinado número de escolas que integram a rede estadual de ensino. (GIL, 2008, p. 89-90 - destaque nosso)

Quanto à coleta de dados, Lima (2022) afirma o seguinte:

A coleta de dados ocorreu da seguinte forma. Inicialmente, como critério de seleção de participantes, foi pensado em professores de Libras (surdos e não-surdos), que ministram a disciplina ES nos Cursos de Licenciatura em Letras-Libras na Região Norte do país. Os motivos pelos quais adotamos o critério de participantes surdos e não-surdos se deu por questões culturais, ou seja, quais eram as percepções a partir dos distintos participantes sobre a importância da LS e seu registro escrito para a comunidade surda, para a valorização da cultura surda, para a formação docente e das contribuições sobre aquisição da ES na Educação Básica. (LIMA, 2022, p. 89)

Inicialmente, foram selecionadas oito Instituições de Ensino Superior, a saber: Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade Federal do Acre (UFAC), Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Universidade Federal do Tocantins (UFT), Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), Universidade Estadual do Pará (UEPA) e Universidade Federal de Roraima (UFRR).

Conforme Lima (2022), das oito instituições, a UFRR foi excluída devido ao fato de o curso de Letras Libras ser bacharelado e não licenciatura, além de a comissão responsável ter reformulado o curso de Letras Libras. Outra instituição excluída foi a UFAC, porque a professora da disciplina não aceitou participar da entrevista. Portanto, somente seis professores concordaram em participar da entrevista.

As falas das entrevistas foram analisadas levando em consideração a formação de base, a formação complementar e a relação da cultural surda com a Escrita de Sinais. Foi feita uma análise crítica, com o auxílio do referencial teórico adotado no estudo.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Inicialmente, interessou-nos saber qual a formação de base dos professores de Escrita de Sinais que participaram da pesquisa. Essa primeira questão foi fundamental para entendermos o lugar do componente curricular Escrita de Sinais na formação dos professores que atuam da educação de surdos (ou na formação de professores para atuarem com surdos). As respostas foram as seguintes:

Éh: sou formado em **Letras Libras**,¹ da turma de 2006 pela UFSC, polo UFBA. (P1-O/M).

Éh:: eu fiz o Letras-Libras, né! **Licenciatura em Letras Libras** pela UEPA. (P2-O/F).

Eu estudei na UFRA, no **Curso de Licenciatura em Letras Libras** EaD/UFRA. (P3-S/M).

Curso Superior em Letras Libras se deu entre 2008 até 2012" (P4-S/M).

¹ Destaques nossos.

Sou formada no **Curso de Licenciatura em Letras Libras** na Universidade Federal de Goiânia. (P5-S/F)

Como se vê, todos os participantes cursaram Letras Libras. Esse fato nos deixou confortável para discutir a importância da Escrita de Sinais na formação dos professores de Libras. Contudo, é importante ressaltar, que esta não é uma realidade unânime no Brasil (ou mesmo na Região Norte). Cite-se, o caso da Universidade Federal do Acre: os dois professores que atuam diretamente com o componente Escrita de Sinais não são formados em Letras Libras, e não tiveram o componente Escrita de Sinais em seu processo de formação em nível superior. O conhecimento dos sistemas de Escrita de Sinais se deu a partir de cursos de extensão e de esforços dos próprios docentes para o conhecimento das técnicas de escrita de línguas de sinais.

Observada essa primeira etapa, passamos à questão relacionada à formação complementar relacionadas à Educação de Surdos ou a Inclusão, *lato sensu* e/ou *stricto sensu*. Os participantes responderam:

2013, eu fiz **especialização em Libras e Educação Inclusiva**. e:: em 2020, eu fiz de **Letramento e Alfabetização**. E o **Mestrado em Letras**, em 2016, com **doutorado em Letras** também. (P1-O/M).

Eu tenho duas **especializações: em Atendimento Educacional Especializado (AEE)** e em **Educação Especial Inclusiva**. (P2-O/F).

Eu sou formado em **três especializações...** Fiz o **mestrado** na área do ensino em matemática, na linha de pesquisa em geometria e concluí em 2018, e em 2019, ingressei no **doutorado** até o presente momento, com foco na linguística, aqui na UFSC. (P3-S/M).

Tenho **especialização em Libras e Tradução** somente. (P4-S/M).

Tenho **Pós-Graduação: mestrado** feito entre 2015 a 2017, na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (P5-S/F)

O interesse por essa informação se justifica pelo fato de que a graduação nem sempre se constitui um espaço para aprofundamentos de disciplinas oferecidas no período de graduação. Os interesses dos discentes vão se constituindo ao longo do processo formativo e tendem e se aprofundarem nas especializações, formações continuadas, Mestrados e Doutorados. No caso dos nossos participantes, observou-se que todos tiveram formação complementar diferenciada, que contribuíram com o perfil profissional, porém nenhuma delas foi na área da Escrita de Sinais. Em relação à formação dessa disciplina nos cursos de especializações e na Pós-graduação, percebemos variação, como podemos observar nas respostas a seguir:

Sim, eu tive a primeira disciplina de Escrita de Sinais, em 2007, Escrita de Sinais I, aí depois teve Escrita de Sinais II e Escrita de Sinais III. [...] **nas duas especializações que cursei e no mestrado também não tive nenhuma disciplina de Escrita de Sinais.** (P1-O/M).

[...] na UEPA, nós temos a disciplina de Escrita de Sinais no último ano que é no quarto ano e é:: nomeada de disciplina de Escrita de Sinais I. Lá que eu comecei meus estudos na área da Escrita de Sinais. **Na primeira especialização não vi nada de Escrita de Sinais e na outra especialização também não. O máximo que vi foi sobre Libras, mas Escrita de Sinais não.** (P2-O/F).

Na graduação tive três disciplinas de Escrita de Sinais [...]. **Nas minhas especializações e durante o mestrado, eu não tive a disciplina de Escrita de Sinais, já no doutorado aqui na UFSC, tive uma (01) disciplina de Escrita de Sinais, com carga horária: 60 horas, foi uma disciplina ofertada de forma optativa.** (P3-S/M).

Na graduação em Letras-Libras tive três disciplinas de Escrita de Sinais e **na especialização tive uma disciplina em Escrita de Sinais.** (P4-S/M).

Na minha graduação em Letras-Libras cursei a disciplina que utilizava o sistema de escrita: ELiS [...] **No mestrado havia só uma disciplina intitulada “Gramática da Libras” que falava um pouco sobre a Escrita de Sinais.** (P5-S/F).

P3 teve uma disciplina de Escrita de Sinais no Doutorado e P5 teve uma disciplina que tratava da Escrita de Sinais, porém, de forma superficial. Ainda com base na formação complementar, houve busca por cursos, seminários e oficinas:

Fiz várias **oficinas** com Mariane Stumpf em três Congressos na UFSC, eu participei de **minicurso**. [...], mas como aprendiz mesmo foi na graduação e também nestas **oficinas** na UFSC no evento envolvendo Tradução e Interpretação. As disciplinas na graduação tinham 60 horas cada e as oficinas na UFSC eram uma manhã e uma tarde, 8 horas em cada um dos congressos, que no caso foram três. (P1-O/M).

Busquei um **curso de::: 140 horas** e fora isso, eu participo sempre de **oficinas, de minicursos**, tô sempre participando. **Estas são minhas formações complementares.** (P2-O/F).

Em 2001, tive só **uma hora de oficina sobre Escrita de Sinais**, participei de **seminário** em Brasília, e em Goiânia, do **CIELS I e II entre outros seminários**, mas sempre de forma bem básica. A cada oficina sobre Escrita de Sinais, eu ia me aperfeiçoando e desde 2015 até hoje participo em eventos. (P3-S/M).

Antes de cursar o Letras-Libras eu tinha visto **o dicionário trilingue do Capovilla** e comprei um, e ao folhear o dicionário vi os sinais escrito, mas não tinha interesse, nem dava atenção, isso foi no ano de 2001. [...] no Letras-Libras tive o contato com as três (03) disciplinas de Escrita de Sinais, a professora era a Marianne Stumpf, e foi a partir daquele momento que tudo começou a ficar claro para mim, passei a gostar do sistema, passei a ter mais interesse e me recordei de quando via os sinais no dicionário. (P4-S/M).

Apreendi o SW sozinha, fui para o Sul do Paraná no município de Cascavel fazer um **curso sobre Escrita de Sinais** ministrado pelo Prof. Americano Adam, que veio dos Estados Unidos da América nos ensinar Escrita de Sinais computacional. Foi neste curso que a minha mente abriu mais sobre este sistema, o curso que participei foi ofertado no período de 2018. (P5-S/F).

Entre oficinas, cursos e minicursos houve variação de carga horária em cada formação complementar. Segundo a Resolução nº 2 (2015), a carga horária faz uma diferença significativa para a práxis docente. A busca pelo conhecimento dos sistemas de Escrita de Sinais, em diferentes contextos, nos lembra o que pontuou Garcia (1999), ao

destacar que a formação de professores se dá, também, a partir de “experiências de aprendizagem através das quais adquirem ou melhoram os seus conhecimentos, competências e disposições, e que lhes permite intervir profissionalmente no desenvolvimento do seu ensino, do currículo e da escola” (GARCIA, 1999, p. 26).

Sousa *et al* (2019) e Lima *et al* (2019) também ressaltaram que são muitos os caminhos que levam ao que chamamos “formação” e que esse objetivo não se restringe, necessariamente, aos muros das universidades. O chão da escola, os contatos e trocas de experiências, os formativos e a própria imersão na cultura surda favorece a constituição profissional do docente.

Também foi possível identificarmos que os elementos pertinentes ao letramento não constam nas IES investigadas: UFAM, UFT, UFRA, UEPA, UNIFAP e UNIR. A falta de letramento nos cursos citados implica de forma negativa na formação de professores, na falta de produção científica, na falta de produções de livros didáticos e de material didático-pedagógico em Escrita de Sinais. De acordo com Wanderley (2015),

Podemos começar a trabalhar pelo uso da escrita de sinais nos diversos meios de informação da sociedade. Discordo que estejamos falando somente de questão de acessibilidade, estamos falando do reconhecimento linguístico e respeito à língua de uma comunidade, da mesma forma como os estrangeiros são respeitados no Brasil. Os mesmos têm à sua disposição atendimento em inglês e espanhol e, inclusive, a circulação de revistas em outros idiomas, mesmo sendo a língua portuguesa a língua oficial. (WANDERLEY, 2015, p. 69)

Lima e Sousa (2023) afirmam que letrar o surdo é, principalmente, fazê-lo sentir-se parte da sociedade e valorizar sua cultura e identidade surda. Além disso, continuam os autores, é proporcionar situações em que o aluno surdo se construa e consiga produzir sentidos aos fatos que estão na linguagem (aqui entendida de forma ampla), que se delineiam por meio dela, e que instauram as atuações sociais das mais diversas formas: inclusive (e principalmente) por meio das línguas de sinais e suas escritas.

Quando perguntados sobre a importância da Escrita de Sinais para o letramento do sujeito surdo, os participantes foram unânimes em afirmar que o registro gráfico das línguas sinalizadas proporciona a identificação do surdo com sua maneira de ver o mundo, de construir seus sentidos e de materializar a língua graficamente. P3 e P4, inclusive, relacionaram o letramento à cultura de forma enfática.

Não há como se entender num processo de letramento – e este ter sentido e resultado efetivo – se não atravessarmos o elemento cultural, em suas mais diferentes formas. O surdo é um sujeito visual – na forma de se expressar e na forma de sentir o

mundo. A Escrita de Sinais favorece e enaltece a visualidade da língua, a constituição do próprio sujeito frente a ela e os reflexos da cultura da formação de sua identidade linguística (LIMA; SOUSA, 2023, p. 402).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é a língua visual utilizada pelas comunidades surdas brasileiras, que se expressa pelas mãos, e cuja compreensão ocorre através da visão. Seu sistema escrito, chamado de Escrita de Sinais (*SignWriting*), vem sendo difundido e ensinado pelo mundo desde 1972. Tal sistema escrito reflete todos os aspectos culturais e identitários do povo surdo. Portanto, deve ser ensinado na Educação Básica e nas IES.

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi a abordagem qualitativa, de natureza básica, cujos objetivos são delineados em uma perspectiva crítica dos dados, com o auxílio do referencial teórico. Os itens de análise foram os seguintes: formação inicial, formação complementar, e ponto de vista dos participantes em relação à Escrita de Sinais e à cultura surda. Foram entrevistados três surdos e três não-surdos das seguintes instituições: UNIR, UFT, UEPA, UNIFAP, UFRA e UFAM. Não foram entrevistados professores de dois estados, Acre e Roraima, pelo fato de, no primeiro caso, a docente não ter aceitado participar e, no segundo caso, pelo fato de o curso de Letras Libras não conta com a Escrita de Sinais.

Para nortear esta pesquisa traçamos o seguinte objetivo geral: *analisar como se deu a formação dos professores de Escrita de Sinais que atuam nas Licenciaturas em Letras Libras da Região Norte do Brasil*. Constatou-se que o objetivo geral foi atendido, porque pudemos coletar informações a respeito das diferentes percepções e olhares dos participantes em relação a sua formação inicial, continuada e complementar associada ao ensino de Escrita de Sinais.

Para tanto, foram traçados dois objetivos específicos. O primeiro foi o de verificar, com base nas entrevistas realizadas com os professores, a relevância da disciplina Escrita de Sinais para a formação docente e para a formação institucional escolar de alunos surdos, que frequentam as escolas públicas da Educação Básica.

O segundo objetivo específico foi o de relacionar a importância da Escrita de Sinais para o letramento das pessoas surda e a valorização da sua cultura. Os entrevistados

entendem que se faz necessário que haja mais produções em Escrita de Sinais como forma de demonstrar a escrita da Libras em ambientes formais e não-formais de ensino.

Assim, os objetivos foram atingidos e enfatizamos a relevância desta pesquisa tanto no âmbito científico-acadêmico, por gerar discussões e se somar a outros estudos que dão evidência à Escrita de Sinais, quanto no âmbito sociocultural, por dar destaque a um dos elementos culturais da pessoa surda, que é a língua escrita, além de valorizar a cultura e a identidade do povo surdo.

Em relação à modalidade de ensino, todos os professores entrevistados cursaram o Ensino a Distância e todos possuem formação em Licenciatura em Letras Libras, além de estarem sempre se atualizando através de participação em Congressos, Seminários, Cursos e Oficinas sobre a Escrita de Sinais, o que os ajudaram a complementar suas formações iniciais.

Concluimos, desse modo, que a disciplina Escrita de Sinais é muito importante como componente de formação de professores de Libras e para a educação de surdos, seja como sistema de registro linguístico, seja como marca de cultura e da identidade surda. Trata-se, como a maioria dos participantes da pesquisa ressaltaram, de um elemento de língua, de cultura e de inclusão da pessoa surda que reflete seu modo de ver o mundo, levando em conta suas características peculiares de visualidade

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, M. I.; TORRES, M. C. E.; LOPES, V. C.; OLIVEIRA, E.; CONCEIÇÃO, D. C. Legendagem para surdos na perspectiva bilingue: algumas reflexões. **Revista Arqueiro**, v. 38, Rio de Janeiro: INES, 2018, p. 70-81.

AZZI, S. Trabalho docente: autonomia didática e construção do saber pedagógico, 1994. *In*: PIMENTA, S. G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 2. ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2000.

BRASIL, Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP nº 02/2015, de 1º de julho de 2015. **Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada**. Brasília, Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, seção 1, n. 124, p. 8-12, 02 de julho de 2015. Disponível em: <https://abmes.org.br/arquivos/legislacoes/Res-CP-CNE-002-2015-07-01.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2023.

BRASIL. Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011. **Dispõe sobre a Educação Especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 18 nov. 2011. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm. Acesso em: 18 jan. 2023.

BRASIL. Decreto nº 5.626, 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, 24 de abril de 2002, que **dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras**, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília – DF, 23 de dez. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/_2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em: 15 jan. 2023.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências**. Diário Oficial da União. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm. Acesso em: 10 jan. 2023.

BRASIL. Presidência da República. Decreto Nº 5.296 de 2 de dezembro de 2004 – **Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000**, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5296.htm. Acesso em: 4 jan. 2023.

CAMPELLO, A. R. S. **Pedagogia visual na educação dos surdos-mudos**. 2008. 169 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2008.

CANÁRIO, R. A Escola: o lugar onde os professores aprendem. **Psicologia da Educação**, São Paulo, v. 1, n. 6, p. 9-27, 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/psicoeduca/article/view/42874>. Acesso em: 9 jan. 2023.

GARCÍA, C. M. **Formação de professores**: para uma mudança educativa. São Paulo: Porto Editora, 1999.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IMBERNÓN, F. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

LIMA, I. Q.; SANTOS-JUNIOS, J. R.; SOUSA, A. M.; GARCIA, R. Materiais de ensino para surdos: produções de atividades com escrita de sinais (signwriting). **Revista A Cor das Letras**, Feira de Santana, v. 20, n. 2, p. 295-306, outubro-dezembro de 2019.

LIMA, I. Q. **Formação de professores(as) de Escrita de Sinais nos cursos de Letras – Libras na região norte do Brasil**. 2022. 120 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Educação, Rio Branco, 2022.

LIMA, I. Q.; SOUSA, A. M. Importância da Escrita de Sinais na educação bilíngue de surdos e a implicação na formação de professores. In: SANTOS, T. C.; SOUSA, A. M. (orgs). **Organização do trabalho pedagógico e formação de professores**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2023, p. 387-404.

MARTINS, L. A. R. Reflexões sobre a formação de professores com vistas à educação inclusiva. In: MIRANDA, T. G; GALVÃO FILHO, T. A. (Orgs.). **O professor e a educação inclusiva**: formação, práticas e lugares. Salvador: UDUFBA, 2012.

NÓVOA, A. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.

QUADROS, R. M. **Letras Libras**: ontem, hoje e amanhã. Florianópolis: Ed. UFSC, 2014.

SAVIANI, D. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação** v. 14 n. 40, jan./abr. 2009.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/45rkkPghMMjMv3DBX3mTBHm/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 2 jan. 2023.

SOUSA, A. M.; GARCIA, R.; LIMA, I. Q. A disciplina Escrita de Sinais nos cursos de Letras Libras. **Revista Arqueiro**, INES, Rio de Janeiro, v. 39, 2019.

WANDERLEY, D. C. **A leitura e escrita de sinais de forma processual e lúdica**. Curitiba: Ed. Prismas, 2015.